



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ALCIVANIA NUNES DA SILVA

**EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS DA COMUNIDADE RECANTO DA
ESPERANÇA, ZONA RURAL DE MOSSORÓ – RN**

MOSSORÓ – RN

2022

ALCIVANIA NUNES DA SILVA

**EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS DA COMUNIDADE RECANTO DA
ESPERANÇA, ZONA RURAL DE MOSSORÓ – RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros.

MOSSORÓ – RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S586e Silva, Alcivania Nunes da.
Evasão Escolar de Jovens da Comunidade Recanto
da Esperança, Zona Rural de Mossoró ? RN. /
Alcivania Nunes da Silva. - 2022.
42 f. : il.

Orientador: Emerson Augusto de Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2022.

1. Evasão Escolar. 2. Educação do Campo. 3.
Escola do Campo. 4. Juventude. I. Medeiros,
Emerson Augusto de, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ALCIVANIA NUNES DA SILVA

**EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS DA COMUNIDADE RECANTO DA
ESPERANÇA, ZONA RURAL DE MOSSORÓ – RN**

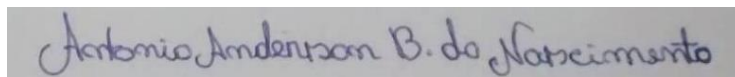
Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 27 / 05 / 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros (UFERSA)
Presidente



Prof. Esp. Antonio Anderson Brito do Nascimento (UFERSA)
Membro Examinador



Prof.^a Ma. Maria da Conceição Fernandes de França (SEEC/RN)
Membro Examinador

A Deus, por me dar força para chegar até aqui,
com sabedoria para enfrentar os obstáculos,
não me deixando fraquejar.

A toda minha família, em especial ao meu pai
Antônio Silva, ao meu irmão Ariel Nunes e à
minha mãe, Ocidélia da Rocha Nunes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, porque se não fosse ele não estaria em uma universidade, enfrentei muitas dificuldades até aqui. Ele nunca me deixou fraquejar, nem desistir. Obrigada, Deus.

Agradeço aos meus pais, Ocidélia da Rocha Nunes e Antônio de Pádua da Silva, por terem me apoiado quando mais precisei, me dando força e palavras para não desistir. Eles fizeram de tudo por mim, tiraram deles para me manter na faculdade. A meus pais, obrigada por tudo, minha gratidão é enorme. Sei que fizeram tudo de coração, amo vocês.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Emerson Medeiros, pela paciência e por ter aceitado ser meu orientador, sem ele me orientando não teria conseguido chegar até aqui. Agradeço pelas correções que são para o nosso crescimento. Sempre que precisei estive disponível para me orientar, lhe admiro muito, você é um profissional excelente, sou muito grata ao senhor.

Agradeço às amigas que construí durante o tempo na universidade que me fizeram me sentir melhor, mais acolhida. São elas: Joyce Ayane, uma pessoa de coração enorme e que admiro muito pela sua garra de vencer, uma amizade que levo para a vida inteira; Joedna Nobre, Aurineide Silva, Suzane, Sara, Ana Kelly Reis, Maria Eliana, Maria José. Vocês são pessoas maravilhosas que sempre estarão no meu coração, amigas que têm um significado enorme para mim.

Agradeço a Narielly Honorato, Lucimara Lima, Amanda Simara, amigas de infância que depois da universidade nossas ligações ficaram bem maior. Obrigada a todas por tudo que já fizeram por mim. Vocês sabem o tanto que são especiais. Gratidão é a palavra para agradecer pela amizade e por tudo.

Agradeço a todos os professores e professoras da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), que contribuíram em minha formação.

Agradeço a minha tia, Vanda Maria, quando mais precisei tive sua ajuda, me dando força e apoio. Sei que se eu precisar mais vezes, vai estar de braços abertos para ajudar. Gratidão.

Agradeço ao meu namorado, Igor Noberto, pois sempre que precisei, estive disponível para me pegar na universidade.

Agradeço a banca examinadora, Prof.^a Maria da Conceição (Naide) e Prof. Anderson Nascimento, por terem aceitado participar e trazer contribuições pertinentes ao trabalho monográfico.

Agradeço a todos que torceram para eu chegar até aqui. É muito gratificante chegar até aqui sabendo que tive pessoas maravilhosas ao meu lado. Chegar ao fim de uma graduação, depois de tantos obstáculos vencidos, é gratificante, uma experiência incrível que em me deixou muitos aprendizados.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.

(Paulo Freire)

RESUMO

Este estudo monográfico tem como tema central a evasão escolar. Se constituiu a partir de uma pesquisa realizada na Comunidade Recanto da Esperança, zona rural de Mossoró – RN. Como problema de investigação, reforça: O que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Projeto de Assentamento (P.A.) Recanto da Esperança, Mossoró – RN? O objetivo geral da pesquisa condiz a “analisar o que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN”. No que se refere aos objetivos específicos, demarcaram-se: “conhecer a vivência de jovens acerca dos processos de escolarização e formação pessoal” e “identificar os fatores que contribuem para que os jovens se evadam da educação escolar”. Em relação à dimensão metodológica, o estudo se caracterizou por meio da abordagem qualitativa, concretizando-se por intermédio da pesquisa de campo. Para a produção dos dados, foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas realizadas no mês de março do ano de 2022 com duas jovens que residem na comunidade. As entrevistas semiestruturadas foram compostas por oito questões abertas, as quais foram construídas validando dois eixos temáticos para o estudo, quais sejam: a) percurso escolar das jovens e b) evasão escolar. Como conclusão, depreende-se: as jovens vivenciaram seus percursos escolares no campo. Em parâmetros de escolarização, vimos que elas se evadiram ao término (ou próximo dele) do Ensino Fundamental. Ao chegarem no Ensino Médio e por terem que migrar para o espaço urbano (para continuarem seus estudos) vivenciaram dificuldades, sendo demarcadas as principais: violência no espaço em que residiam, acesso (deslocamento) à escola e ausência de acompanhamento/orientação familiar para com os estudos. Além disso, o ingresso precoce na vida adulta, por meio da relação conjugal, também se fez no mesmo momento e a gravidez (descrita por uma das jovens). No que toca à evasão escolar, a partir da pesquisa, salienta-se que ela se faz como um processo, não existindo um fator único que contribua para a sua construção. Há questões educacionais (como a escola e a educação que promove), sociais (a realidade social e de desigualdade a que parte da população brasileira vive), pessoais (estrutura familiar), entre outros que se adicionam à evasão.

Palavras-chave: Evasão Escolar. Educação do Campo. Escola do Campo. Juventude.

ABSTRACT

This monographic study has as its central theme the school dropout. It was constituted from a research carried out in the Recanto da Esperança Community, rural area of Mossoró - RN. As a research problem, it reinforces: What contributes to the school dropout of young people from the Projeto de Settlement (P.A.) Community Recanto da Esperança, Mossoró - RN? The general objective of the research is to "analyze what contributes to the school dropout of young people from the Recanto da Esperança Community, Mossoró - RN". With regard to the specific objectives, the following were highlighted: "knowing the experience of young people about the processes of schooling and personal training" and "identifying the factors that contribute to young people evading school education". Regarding the methodological dimension, the study was characterized by a qualitative approach, materialized through field research. For the production of data, semi-structured interviews were carried out in March 2022 with two young women residing in the community. The semi-structured interviews were composed of eight open questions, which were constructed validating two thematic axes for the study, namely: a) school trajectory of young people and b) school dropout. As a conclusion, it appears: the young women experienced their school journeys in the countryside. In terms of schooling, we saw that they dropped out at the end (or close to it) of Elementary School. Upon reaching high school and having to migrate to the urban space (to continue their studies) they experienced difficulties, the main ones being demarcated: violence in the space where they lived, access (displacement) to school and lack of family monitoring/orientation towards the studies. In addition, early entry into adulthood, through the marital relationship, also took place at the same time and pregnancy (described by one of the young women). With regard to school dropout, from the research, it is emphasized that it is done as a process, with no single factor that contributes to its construction. There are educational issues (such as the school and the education it promotes), social (the social and inequality reality that part of the Brazilian population lives), personal (family structure), among others that add to the dropout.

Keywords: School Dropout. Field Education. Field School. Youth.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Organização do Roteiro de Entrevista Semiestruturada	24
----------	---	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEB	Câmara de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LEDOC	Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
P.A.	Projeto de Assentamento
RN	Rio Grande do Norte
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	EVASÃO ESCOLAR X EDUCAÇÃO DO CAMPO: SINALIZAÇÕES TEÓRICAS.....	14
2.1	Evasão Escolar: fatores para a (não) evasão.....	14
2.2	Educação do Campo e Educação Rural: considerações sobre projetos de educação.....	16
2.3	Escola do Campo: características e função social.....	18
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	22
3.1	A Abordagem Qualitativa.....	22
3.2	A Pesquisa de Campo.....	23
3.3	Técnica de produção de dados – a entrevista semiestruturada.....	24
3.4	O local do estudo – Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN.....	25
3.5	Participantes do estudo.....	26
4	EVASÃO ESCOLAR – ANÁLISE A PARTIR DE JOVENS DA COMUNIDADE RECANTO DA ESPERANÇA, MOSSORÓ – RN.....	28
4.1	Percursos Escolares das Jovens.....	28
4.2	Evasão Escolar.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	APÊNDICE “A” – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	41
	APÊNDICE “B” – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	42

1 INTRODUÇÃO

Silva (2016), citado por Branco (*et al.* 2020, p. 138), afirma que a evasão escolar não é um fenômeno educacional cuja responsabilidade é apenas da escola. Ela está relacionada à família, às políticas de governo e ao próprio aluno. A evasão escolar se associa também ao ingresso do aluno na criminalidade, ao convívio familiar conflituoso, à má qualidade do ensino, à necessidade de o educando trabalhar para ajudar a família e até mesmo para o seu próprio sustento, além de outros fatores. Assim, a evasão escolar é um problema que transcende os processos de ensino e aprendizagem em sala de aula ou na escola. Ela tem diversas razões de ordem social e, principalmente, econômica, que contribuem para sua existência.

Nesse sentido, o presente trabalho monográfico tem como objeto de estudo a evasão escolar de jovens residentes em uma comunidade circunscrita no perímetro rural de Mossoró, Rio Grande do Norte (RN), Brasil, a saber: Comunidade Recanto da Esperança. O estudo partiu do seguinte problema de pesquisa: O que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Projeto de Assentamento (P.A.) Recanto da Esperança, Mossoró – RN?

Nos últimos anos, o tema evasão escolar de jovens vem sendo abordado em vários campos do conhecimento, por exemplo como as áreas de Educação e Sociologia (BRANCO, *et al.*, 2020), pois é um tema importante que deve ser analisado e estudado nas diferentes esferas acadêmicas. Quando falamos em direito à educação, nos deparamos com uma situação precária na sociedade de maneira geral. Essa realidade se torna mais preocupante quando se trata da educação de estudantes com algum tipo de dificuldade, devendo ser analisada para não se contribuir para a evasão escolar.

Na condição de educadora em formação¹, vejo que a escola precisa prevenir a evasão de seus estudantes. Entendo, com base em Branco *et al.* (2020), que existe uma probabilidade de alunos com problemas de comportamento não quererem estudar, há também a falta de interesse, às vezes eles casam muito cedo, têm filhos, entre outras questões. Além disso, a falta de condição financeira para sobreviver leva a esse caminho, havendo o abandono da vida escolar para trabalhar.

Em uma comunidade rural, como o P.A Recanto da Esperança (também conhecida como comunidade de Alagoinha, Mossoró – RN), existem alguns jovens que desistiram de

¹ Nesta introdução utilizo da primeira pessoa no singular, haja vista que demarco questões relacionadas à construção do objeto de pesquisa, vinculado a minha realidade pessoal de vida. Nas demais seções, esse aspecto não ocorrerá.

sua vida escolar. No meu dia a dia, como moradora da referida comunidade, vivencio esse aspecto com familiares e pessoas conhecidas da comunidade. Penso que esta pesquisa somará para a comunidade de maneira geral.

Ressalto que o objetivo geral da pesquisa condiz a “analisar o que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN”. O estudo teve como objetivos específicos “conhecer a vivência de jovens acerca dos processos de escolarização e formação pessoal” e “identificar os fatores que contribuem para que os jovens se evadam da educação escolar”.

Em relação à dimensão metodológica, o estudo se caracterizou por meio da abordagem qualitativa, concretizando-se através da pesquisa de campo. Para a produção dos dados, fizemos uso de entrevistas semiestruturadas realizadas no mês de março do ano de 2022 com dois jovens, do sexo feminino, que residem na comunidade². As entrevistas semiestruturadas foram compostas por oito questões abertas, as quais foram desenvolvidas validando dois eixos temáticos para o estudo, quais sejam: a) percurso escolar das jovens e b) evasão escolar.

Traçada esta introdução, organizamos o restante do texto em mais três seções, além das considerações finais. Na seção seguinte, segunda seção, abordaremos o tema evasão escolar x educação do campo a partir da literatura educacional. Em virtude de nossa investigação estar circunscrita no âmbito da Educação do Campo, apresentamos algumas sinalizações teóricas associando a discussão com o tema central da pesquisa (evasão escolar de jovens).

Na terceira seção, discorreremos sobre os aspectos metodológicos do estudo. A seção dialoga acerca da abordagem qualitativa, da pesquisa de campo e da entrevista semiestruturada. Além desses aspectos, situaremos o leitor sobre os sujeitos que participaram da pesquisa e o *lôcus* da investigação. Entendo que a seção metodológica soma para que possamos conceber a materialidade da investigação.

Na quarta seção, apresentaremos reflexões sobre os dados produzidos por meio das entrevistas semiestruturadas com os dois sujeitos que participaram da investigação. A seção foi organizada validando os dois eixos temáticos (percurso escolar das jovens e evasão escolar) projetados no momento de construção das entrevistas semiestruturadas. Nas considerações finais, discutiremos sobre os principais aspectos apreendidos na pesquisa, de forma sintetizada.

² Destaco que para a construção da pesquisa, creditei o momento da pandemia causada pela COVID-19. Tive todo o cuidado necessário no momento de concretização das entrevistas.

2 EVASÃO ESCOLAR X EDUCAÇÃO DO CAMPO: SINALIZAÇÕES TEÓRICAS

Nesta seção abordaremos um pouco sobre o que é evasão escolar, os fatores que contribuem para a evasão escolar e os fatores que somam para que os alunos não se evadam da escola. Também discutiremos sobre a educação do campo e a escola do campo, enfatizando sua função social.

2.1 Evasão Escolar: fatores para a (não) evasão

Existem várias causas que somam para que os estudantes se evadam da escola, muitas vezes por falta de condições financeiras ou até mesmo desinteresse. Há também muitas jovens que são mães muito cedo e têm que cuidar dos filhos, pois elas não têm com quem deixar seus filhos para irem à escola. Similarmente acontece com os meninos, eles querem independência muito cedo, muitas vezes os pais não têm condições financeiras e eles optam por trabalhar sem terminar os estudos.

Além do mais, há alguns pais que não possuem recursos para comprar materiais escolares. Já as pessoas do campo têm uma certa dificuldade de se locomoverem para a cidade, além de não se ter o Ensino Médio no campo na maior parte das comunidades, conforme Medeiros (2019), tendo que ir para o perímetro urbano, com transporte também precário. Tudo isso dificulta a permanência no ambiente escolar. Segundo Ceratti (2008, p. 03),

Convém esclarecer que o termo evasão escolar será entendido como resultado do fracasso escolar do estudante e da própria instituição escolar, como se verá mais adiante ao estudar as causas e consequências da evasão escolar, assim também, como seus efeitos na produtividade da escola.

Existe, com frequência, o desinteresse de alguns professores em ministrar uma aula produtiva, muitos alunos já vão à escola sem vontade e quando chegam na sala de aula não há um ambiente atrativo, os professores não se esforçam para ministrar uma boa aula, deixando a desejar em termos de metodologia. Na zona rural é frequente a ausência de professores qualificados a ensinar (ARROYO, 1999), por ser um lugar que não têm muitas fiscalizações, se os gestores que estão à frente da escola aceitarem, o docente sem formação permanece a ensinar.

Nas escolas há muitos professores bons que fazem de tudo para motivar os alunos, existem aqueles alunos que têm dificuldade no aprendizado, com isso o professor tem que

encontrar uma forma que facilite para o estudante. Alguns têm um desenvolvimento mais lento, não entendem o conteúdo curricular e o professor tem que ser sensível a trabalhar com o aluno quantas vezes for preciso. Sabemos que isso acarreta em sobrecarga de trabalho para os professores, mas é uma condição que tem que ser trabalhada, haja vista que são pessoas diferentes, com realidades diferentes umas das outras.

É preciso considerar que muitos alunos vão para a escola sem comer nada, não é possível com esse cenário se aprender alguma coisa, muitas vezes a escola não dispõe de merenda. Isso acontece em muitas escolas no campo, haja vista que foram esquecidas pelas políticas públicas e pelo Estado (SILVA, 2016). Fora esses aspectos, muitos alunos sofrem *bullying*, por serem pobres ou por questões de gênero, raça e etnia, tudo isso afeta na desistência do aluno.

Segundo Ceratti (2008, p. 13), citando Freire (1982), “o ato de estudar necessita de persistência e atenção, o que por sua vez remete a uma atividade mental que está presente não só na resolução de tarefas de aprendizagem, como também na maior parte das ações sociais”. O fato de o aluno não ter atenção prejudica o aprendizado, o aluno ele tem que criar o hábito de ler, para ter argumentos e formar sua consciência crítica e a escola precisa se tornar um ambiente convidativo para que ele se sinta bem.

Esses aspectos contribuem para que o aluno fique ou não na escola. Sabemos que há muito tempo que os espaços escolares trazem consigo marcas profundas dos processos passados e reflexos de uma sociedade injusta e excludente. Assim, muitos jovens não acreditam em mais nada, nem na própria escola. Considerar suas falas é relevante para se pensar nos processos de ensinar e aprender.

Hoje, vemos com frequência que muitos jovens falam que não adianta estudar, pois muitas pessoas concluem os estudos, ingressam em uma graduação e após sua conclusão ficam desempregadas - como se a educação fosse voltada somente ao emprego. A escola também é para formar o ser humano como pessoa e para a sua permanência na sociedade. Temos ciências de que o desemprego é evidente nos dias de hoje. No entanto, ainda é por meio da educação que podemos pensar em ascensão social, principalmente quem vem de classes sociais menos favorecidas economicamente. Compreendemos que há uma desvalorização na educação, de maneira geral. Para Ceratti (2008),

Há muitas implicações no sistema educacional brasileiro com a desvalorização da educação: falta de conhecimentos e idealismo dos educadores, influências negativas da sociedade, sentidas na escola, com a perda de valores, daqueles praticados por

ela, a dificuldade de aprendizagem dos alunos e a evasão escolar causada por fatores sociais e familiares que os distanciam da escola (CERATTI, 2008, p. 19).

Vale lembrar nesta discussão que em situações a família não dá um devido apoio ao jovem que se tem em casa, a própria família não mostra incentivo. Assim, pela ausência do exemplo, muitos jovens já não querem aprender ou têm uma certa dificuldade, gerando a evasão escolar. Sem contar que existem problemas nos seus lares, com famílias desestruturadas. Acontece muito dos pais se separarem e o jovem tem que se adaptar com a madrasta ou padrasto, gerando um conjunto de mudanças no seu cotidiano, é algo que se tem que aprender a conviver com situações que não estavam no seu dia a dia.

Para além desses fatores, se cria uma barreira entre o professor e os alunos que têm dificuldade de aprender, pois há também a vergonha de perguntar, se o professor não for atento aos sinais de timidez, pode haver a evasão, em virtude do aluno se sentir excluído, aos poucos se distancia do ambiente escolar. O professor tem que observar a todos sem exceção. O professor também tem que ser criativo no ensino para não deixar a rotina da sala cansativa, ele deve deixar os alunos falarem e dialogarem. Tudo isso soma para que o aluno se sinta bem no ambiente escolar e queira não se evadir.

2.2 Educação do Campo e Educação Rural: considerações sobre projetos de educação

A vida no campo muitas vezes se torna um pouco difícil. Por falta de condições, por falta de uma boa educação, o campo é visto como um lugar desvalorizado, começando pelo ambiente escolar. No entanto, isso não significa que o campo é um espaço ruim, mas sim que o Estado não investe em políticas públicas visando dar lugar ao campo (MEDEIROS; MENEZES, 2020). As escolas no campo muitas vezes não são um ambiente acolhedor, todos têm que frequentar a escola e ter uma boa educação.

Muitas vezes os alunos têm que se deslocar para a cidade para estudar, pois a maioria das escolas no campo não tem o Ensino Médio, então as dificuldades aumentam, sem validar que no deslocamento para a cidade, o transporte escolar quebra, o aluno não tem dinheiro para pagar outro transporte e desiste pelas barreiras que tem que enfrentar. A educação do campo é um direito social. Sobre o nascimento da educação nos espaços rurais, Santos (2010, p. 2) diz:

Quando passaram a lhes ofertar a educação escolar, ela esteve centrada no modelo da Educação Rural ‘adequada aos modelos políticos de desenvolvimento econômico efetivados no campo, cujas bases se fundamentavam nos interesses das classes dominantes’, [...] de certo modo, responsável por preocupantes consequências ao longo dos séculos na escolarização desses povos.

Durante muito tempo predominou no campo uma educação rural voltada somente para o capitalismo, pensada para os lucros do capital (MEDEIROS; MENEZES, 2020). O objetivo da escola era ensinar para trabalhar no campo, com uma “leiturinha” básica, sem o conhecimento formalizado (ARROYO, 1999). Com isso, os agricultores não estavam sendo educados enquanto seres humanos.

A educação do campo é diferente dessa modalidade educativa (educação rural), ela é voltada para as experiências das pessoas do campo, para suas crenças, suas culturas e para que as pessoas aprendam a trabalhar em conjunto, levando suas vivências para a sala de aula, de modo que todos participem e apresentem suas contribuições frente aos conhecimentos curriculares. É dessa perspectiva de educação que as pessoas do campo precisam, de uma escola e de professores que os formem para serem pessoas melhores.

A educação do campo é aquela que acontece na comunidade dos povos do campo, a escola é parte da comunidade. As pessoas não precisam sair de seus lugares para receber uma educação. Na escola do campo, os alunos desfrutam da natureza, conhecem outros lugares, mas contextualizando o campo.

Essa perspectiva de educação se contrapõe à perspectiva de educação rural que vê o campo como algo ruim (MEDEIROS; DIAS, 2015). Santos (2010) esclarece que em relação aos professores que atuam nas escolas no campo, eles não possuem nível de escolaridade adequado para atuar nas modalidades de ensino em que exercem a docência. A partir de um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Santos (2010) alude que apenas 8,8% deles possuem formação superior, enquanto nas áreas urbanas este número é bem superior.

Entendemos que o cenário destacado anteriormente acontece porque nas escolas na zona rural não há fiscalização (ou pouca fiscalização), os professores ficam com carga horária muito alta, lecionam disciplinas que não são habilitados para não deixar os estudantes sem aula. Além disso, o ambiente escolar muitas vezes é desestruturado, possui poucas salas, há situações em que não existe energia elétrica. Sem deixar de validar que a escola no campo quase sempre segue a perspectiva da multisseriação, sobrecarregando professores e alunos. Compreendemos que a educação do campo necessita ser assegurada.

A educação, como direito de todos ao acesso e à permanência na escola, está consagrada na Constituição Brasileira (art. 206), que indica a necessidade de elaboração, financiamento, implementação e avaliação de políticas mantidas pela União, estados e município (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012, p. 239).

A educação do campo ainda enfrenta muitas lutas para a sua efetivação, os movimentos sociais conseguiram vencer muitas delas, mas não são o suficiente para a sua concretude. Sabemos que a luta pelo direito à educação é para todas as pessoas do campo terem direito a uma educação do campo e no campo, pois com a falta dela, muitos se deslocam para a cidade buscando melhorias, sendo que o campo pode oferecer. Vale dizer que o campo está perdendo seus moradores por acharem que não vão conseguir nada na vida, pelo fato de até mesmo suas vivências e culturas não serem valorizadas, sendo que elas são suas raízes, seu pertencimento, o campo tem muito a oferecer, faltam oportunidades e políticas públicas construídas com os povos do campo.

Uma conquista recente, se considerarmos a história da educação do campo, no âmbito da luta por políticas públicas com os povos do campo, foi a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Parecer nº 36/2001 e Resolução CNE/CEB 2002). Tais diretrizes permitiram, de forma legal e fundamentada, a entrada da educação do campo na agenda das políticas e documentos oficiais destinados à população brasileira (CALDART, 2005).

Em linhas conclusivas, pelo que vemos, a educação do campo, diferentemente da educação rural, possui um projeto educativo que valoriza a identidade dos povos do campo. O campo é o ponto de partida do ensino e da escola a ser construída a partir da própria comunidade. Não se pretende criar uma educação localista, voltada, exclusivamente, às demandas contextuais de cada lugar. Ao contrário, busca-se uma educação que atenda as demandas inerentes aos problemas dos povos do campo.

O currículo escolar é fundamental na proposta educativa do campo. A concepção de educação do campo defende um currículo que inclua a memória histórica construída pelas populações camponesas. O conhecimento escolar parte das lutas, dos anseios, das conquistas que os povos do campo desenvolveram. Além do mais, os movimentos sociais do campo também fazem parte da escola. Eles são integrantes do projeto educativo gestado em cada instituição. Isso acontece porque a própria concepção de educação do campo está associada à concepção da educação do campo como um movimento nacional de educação. Assim, a educação se fortalece com os diferentes movimentos que perpassam a comunidade.

2.3 Escola do Campo: características e função social

A escola do campo tem a função de formar os estudantes humanamente para que sejam pessoas críticas, para que façam parte das lutas no campo e do desenvolvimento de suas

culturas. As escolas do campo são escolas públicas destinadas às pessoas do campo para que possam estudar nelas e se reconhecerem enquanto sujeitos do campo (SILVA, 2016).

Molina e Sá (2012) relatam que a concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da educação do campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. As pessoas do campo têm o direito de ter escolas que considerem suas raízes e culturas, fazendo parte das lutas para conquistar seus espaços enquanto trabalhadores e trabalhadoras do campo. É para isso que essas pessoas lutam, para terem direito a sua permanência na escola e no campo. Desejamos que o modelo tradicional de ensino e aprendizagem saia do campo, almejamos que a escola do campo faça parte da comunidade.

Compreendemos que para romper com o modelo de escola tradicional no campo, oriunda da educação rural, é preciso se construir outra perspectiva de escola no campo. Nessa perspectiva, a participação dos diferentes povos do campo na gestão da escola é fundamental. Comungamos com o pensamento de Molina e Sá (2012, p. 331):

A participação e gestão por meio de coletivos é mecanismo importante na criação de espaços que cultivem a auto-organização dos educandos para o aprendizado do convívio, da análise, da tomada de decisões e do encaminhamento de deliberações coletivas.

Com uma escola participativa, os estudantes criarão o hábito de organização e de como conviver criticamente fora da escola diante das pessoas e do coletivo, não tendo dificuldades de se adaptarem com pessoas que têm um pensamento diferente do seu. Para tal feito, ressaltamos a demanda de existirem educadores qualificados na escola do campo que tenham uma visão ampla do campo, que entendam a realidade das pessoas que residem no campo, não julgando suas culturas e lutas, mas dando força para a permanência dos sujeitos do campo na escola.

Segundo Fabris e Bernardi (2018), a escola tem o papel de ser mais do que um espaço que transfere conhecimentos, ela necessita educar para a vida, indo para além de seus muros. A escola do campo também precisa ser voltada para as vivências e culturas dos sujeitos do campo que estão fora do ambiente escolar. Os alunos também podem debater seus conhecimentos. Todos temos muito o que aprender fora da escola. Por isso, a escola não pode ficar fechada em seus muros e a sala de aula em suas quatro paredes.

Para a escola no meio rural ser uma escola do campo, precisa da organização e da participação das pessoas que vivem no campo. Escola e comunidade caminham juntas, uma

contribuindo com a outra para se manterem fortes na luta para conquistar mais resultados para os povos do campo.

Neste contexto, ressalta-se a importância de se discutir sobre a valorização da identidade da escola do campo para uma formação transformadora como forma de resistência, o que abrange a discussão acerca do currículo e pedagogia da alternância como alternativa educativa que tem uma ligação de origem com a educação do campo. Surgem, na medida em que os povos do campo 'se reconhecem sujeitos de conhecimentos, de valores, culturas, sujeitos de processo de humanização/emancipação. Sujeitos pedagógicos, produzindo outras pedagogias' (SOUSA; COSTA; REIS, 2021, p. 65).

A escola do campo tem que ajudar na transformação dos sujeitos do campo. Para tanto, necessita agregar as raízes do campo para dentro da escola, não deixando que outras culturas que não sejam a cultura dos povos do campo imperar no ensino no campo. A escola do campo tem características que não podem ser abandonadas, quais sejam: a identidade camponesa, a memória das populações do campo, a vida no campo. Para uma escola do campo ficar resistente tem que haver metodologias voltadas para as realidades das pessoas do campo. O trabalho em equipe, o currículo planejado permanentemente na escola, os movimentos sociais participando das ações educativas, entre outros, são caminhos que vemos possíveis na construção da escola do campo.

Nesse interim, realçamos também a relevância do projeto político pedagógico da escola do campo ser produzido e revisado pelos sujeitos do campo, com frequência. Sabemos que o projeto político pedagógico da escola é um documento curricular que certifica a proposta educativa para a instituição (SILVA, 2016). Não podemos aceitar que ele seja importado da cidade, como se os sujeitos do campo merecessem qualquer coisa e tudo da escola viesse como um pacote pronto. A escola do campo tem a função social de contribuir na promoção da cidadania dos povos do campo. Dessa maneira, seu projeto educativo tem que nascer de seu interior e não externo a ela.

A escola do campo pertence as pessoas que vivem no campo, ela não pode ignorar as culturas do povo camponês, haja vista que elas se constroem nas relações de sociabilidade dos sujeitos do campo, pertencem a eles. A escola do campo tem que ser valorizada, ela é rica em histórias e culturas que precisam permanecer vivas com a ajuda da comunidade. Hoje, vivemos em uma sociedade muito injusta e julgadora, precisamos de mudança, a escola do campo trabalha visando a transformação dos sujeitos do campo, construindo práticas educativas que humanizem diante das situações de desigualdade social.

Lembramos que muitos desafios impedem de a escola do campo desenvolver seu projeto educativo. Vivemos em um sistema capitalista que cotidianamente impõe sua ordem

de relação do sujeito com a sociedade. Isso implica nos processos educativos que a escola, de maneira geral, constrói. A escola do campo tem o desafio de lutar contra o projeto capitalista. Sua proposta de formação é contra-hegemônica. Ela questiona a estrutura do sistema capitalista, planejando novos modos de ver a relação do sujeito com o outro e com o mundo.

A escola do campo tem o ideal de transformar vidas, construindo novos caminhos mais humanos e menos excludentes. A escola do campo se funde no ideal de libertação dos povos do campo da condição de alienação que, na história, se fez como marca do projeto educativo desenvolvido na escola rural. Os sujeitos do campo têm o direito à educação. É um dever do Estado possibilitá-la com qualidade, ao mesmo tempo assegurando que sejam resguardadas as memórias do povo camponês e o acúmulo de experiências e culturas produzidas pelos diferentes povos que habitam o campo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção compreende à metodologia desenvolvida na pesquisa. Ela situa o leitor acerca da abordagem que nos conduziu na produção e análise de dados (abordagem qualitativa), do tipo de pesquisa que nos detemos (pesquisa de campo), bem como a respeito da técnica utilizada para produzir os dados (entrevista semiestruturada) e o *lócus* em que realizamos a investigação. De modo breve, apresentamos os participantes do estudo.

3.1 A Abordagem Qualitativa

Neste estudo, fizemos uso da abordagem qualitativa, perspectivando compreender o fenômeno estudado em seu ambiente natural e adentrando nos sentidos e significados que os participantes do estudo têm sobre a realidade e o nosso objeto de pesquisa. Para Lüdke e André (2013, p. 11),

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente natural e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo.

Isso significa dizer que o pesquisador tem uma aproximação direta com o entrevistado, tal como realizamos neste estudo, podendo obter as informações de perto, vendo suas realidades diante do problema de pesquisa, tendo condições de analisar de perto, sem perder informações importante a respeito do objetivo da pesquisa.

Para Piana (2009, p. 168), a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto de estudo, eles não se dissociam. Isso quer dizer que na pesquisa qualitativa analisamos a realidade de forma dinâmica e os fatos são percebidos não de modo isolado. Na pesquisa qualitativa também é possível estabelecer uma relação intersubjetiva entre o pesquisador e os participantes da investigação (MEDEIROS; VARELA; NUNES, 2017).

Neste estudo, o contato direto com o ambiente natural condiz com a nossa aproximação com o *lócus* em que a pesquisa se realizou: Comunidade Recanto da Esperança, zona rural de Mossoró – RN. Vivemos na comunidade e conhecemos, parcialmente, a realidade de seus moradores, isso quer dizer que sabemos de parte das dificuldades que eles possuem em termos de escolarização.

Outra característica que mencionamos, a qual se aproxima de nosso estudo, é que nas investigações que fazem uso da abordagem qualitativa, o investigador pode formular questionamentos no decorrer da investigação, inclusive as questões de uma entrevista podem mudar no decurso do processo da investigação a partir do que depõem os sujeitos (CHIZZOTTI, 2006; MEDEIROS; VARELA; NUNES, 2017). Em nossa pesquisa, tivemos a liberdade de elaborar outros questionamentos complementares vislumbrando aprofundar/compreender as respostas das duas jovens, participantes da investigação, acerca das questões aludidas como questões centrais do estudo.

3.2 A Pesquisa de Campo

Segundo Gonsalves (2001, p. 67, *apud* PIANA, 2009, p. 169), a pesquisa de campo é o tipo de investigação que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada, ou seja, os dados são produzidos no contexto demarcado como o *lócus* de referência de um estudo. Tal como na abordagem qualitativa, o pesquisador necessita de um encontro mais direto com o conjunto de participantes do estudo. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o objeto de estudo está circunscrito, objetivando reunir as informações necessárias para a investigação.

Na nossa pesquisa, buscamos uma compreensão (análise) acerca do que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN. Fomos a campo realizar entrevistas semiestruturadas com duas jovens que residem no contexto investigado.

Declaramos que a importância da pesquisa de campo é ver a realidade com os “olhos do pesquisador”, é preciso ir a campo, compreender o fenômeno estudado de perto, juntando informações que permitam tecer conclusões, não como verdades, mas como possibilidades de entendimento da realidade (FARIAS *et al.*, 2010). Assim, de acordo com Farias *et al.* (2010, p. 67) desenvolver uma pesquisa de campo é “estar dentro do mundo do sujeito [...] não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber como ele é”, o que ele pensa sobre o que se encontra em investigação.

Quando realizamos a pesquisa no mês de março do ano de 2022, com as duas participantes da investigação, marcamos um momento propício de acordo com elas, com sua disponibilidade. No horário agendado, dialogamos abertamente sobre nosso estudo, esclarecendo dúvidas, ouvindo os questionamentos e receios que elas possuíam sobre a

investigação. Procuramos ser flexíveis e espontâneos, pois tentamos deixar o momento mais prazeroso possível. Buscamos realizar um diálogo, não uma entrevista extremamente formalizada.

A pesquisa de campo exige uma postura aberta e flexível do pesquisador. Ele está no contexto do outro, é preciso se despir de qualquer “pré-conceito” e seguir com o objetivo da investigação. Foi esse caminho traçado e exercido neste estudo. Fomos a campo na intenção de compreender o fenômeno estudado (nosso objeto de pesquisa) pelas lentes (percepção) dos sujeitos pesquisados. Cada entrevista semiestruturada com as duas jovens foram tecidas com muita sensibilidade e seriedade, respeitando e exercendo a escuta.

3.3 Técnica de produção de dados – a entrevista semiestruturada

Neste trabalho fizemos uso da entrevista semiestruturada sendo organizada por oito questões abertas. As questões foram pensadas a partir de dois eixos temáticos, conforme relatamos em momentos anteriores do texto, a saber: a) percurso escolar das jovens e b) evasão escolar.

Para Farias *et al.* (2010), a entrevista semiestruturada combina questões fechadas e abertas, havendo oportunidade para explorar aspectos não previstos inicialmente pelo entrevistador. Mais orientada por temática, a entrevista semiestruturada (ou em profundidade), é apresentada quase como um convite ao entrevistado para que ele discorra detidamente, com suas palavras e com tempo para refletir, sobre determinados temas. Com isso se percebe que o entrevistador vai conseguir informações a mais do que ele esperava em uma entrevista estruturada formada apenas por questões fechadas. Na sequência, apresentamos um quadro com as questões dialogadas com as duas participantes da pesquisa (as questões complementares se encontram juntas da questão principal), as quais se atentam aos dois objetivos específicos do estudo e aos eixos temáticos pensados a partir de cada objetivo específico.

Quadro 1 – Organização do Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Objetivo Geral do Estudo: analisar o que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN	
Eixo Temático 1 – Percurso Escolar das Jovens	
Objetivo Específico: - Conhecer a vivência de jovens acerca dos processos de escolarização e formação pessoal.	1 – Como se deu sua educação escolar? Frequentou a escola até que idade e nível de ensino?
	2 – Como se constitui sua família? Recebeu apoio no seu processo de escolarização para frequentar a escola? Fale sobre esses aspectos.

	3 – Durante sua escolarização, teve dificuldades para aprender? Se sim, quais (em alguma disciplina em especial, por exemplo)? Os professores tinham interesse em ajudar no seu desenvolvimento? Se sim, de que forma?
	4 – Tem vontade de voltar a estudar? Se não, por quê? Se sim, tem apoio de seus familiares para que isso aconteça?
Eixo Temático 2 – Evasão Escolar	
Objetivo Específico:	1 – Quais os principais fatores que contribuíram para que você deixasse a escola?
- Identificar os fatores que contribuem para que os jovens se evadam da educação escolar	2 – Houve problemas/situações vivenciadas na escola que contribuíram para sua evasão?
	3 – Ao deixar de frequentar a escola, houve incentivo por parte da escola para que retornasse à educação escolar? Se sim, de que forma? Há algum projeto educacional na comunidade em que vive para os jovens que estão fora da escola?
	4 – Na sua família, vivenciou alguma situação que contribuiu para sua evasão escolar?

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Com o roteiro de entrevista semiestruturada elaborado, seguimos para o desenvolvimento da pesquisa. Realizamos as entrevistas (uma com cada participante do estudo) no mês de março do ano de 2022, na residência das próprias jovens, comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN. No início da entrevista, esclarecemos sobre a pesquisa, bem como pedimos a autorização para a gravação dos momentos e participação na investigação por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido³ (TCE). Após o procedimento de gravação fizemos a transcrição e a análise (compreensão do objeto de estudo) que será apresentada em seção seguinte. Notificamos que fizemos uso de máscara e também do álcool em gel no momento de desenvolvimento das entrevistas, de igual modo, tivemos o cuidado para manter o distanciamento necessário ao não contato físico com as jovens, participantes do estudo.

3.4 O local do estudo – Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN

A Comunidade Recanto da Esperança se circunscreve em Alagoinha (polo que congrega algumas comunidades), zona rural de Mossoró – RN. Ela foi criada por volta do ano de 2003, quando começou a se ocuparem as terras. Essa situação aconteceu em virtude de que

³ Ver Apêndice “A”.

existia a antiga Fazenda São João, Mossoró – RN, que era uma empresa voltada ao agronegócio, mas o dono da empresa declarou falência. Nesse sentido, todos os seus trabalhadores foram demitidos, sem muitas perspectivas de vida, pois nessa época não existiam outras empresas de trabalho na região.

Os trabalhadores se vendo sem muito caminho resolveram lutar por um pedaço de terra, para morar e plantar, foi aí onde tudo começou, a luta por um cantinho seu, sem que ninguém pudesse lhe tirar da sua terra. Conforme dizem alguns moradores da comunidade, as reuniões e cadastros começaram a ser realizados debaixo de um pé de tamarindo histórico da comunidade, depois na casa grande, que também é uma casa histórica (tanto o pé de tamarindo como a casa grande ainda existem).

Com isso, começaram a fazer barracas, dormir nas terras, para ver se conseguiam a terra. Os homens dormiam na parte da noite, suas esposas passavam o dia nas barracas, por motivos dos seus maridos estarem fazendo algum “bico” (trabalho não formal) durante o dia, para manterem o sustento básico. Destacamos ainda que existiam o MST e seus membros que também acampavam nas terras, porém, os ex-funcionários pertencentes a Fazenda São João, foram quem conseguiram as terras para morar, com um pedacinho de terra para plantar. As terras foram compostas por 80 famílias, no caso eram os ex-funcionários da Fazenda São João, Mossoró – RN.

Em acordo, o MST ficou com a outra Fazenda São João que se localiza no Município de Baraúna – RN. Hoje, na comunidade tem um assentado que fez parte dos ex-funcionários da Fazenda São João que é o coordenador local da comunidade. Ele, como representante dos demais moradores, busca os recursos para a comunidade, como alguns empréstimos que vêm para a comunidade, bem como outros projetos sociais para o espaço.

Em termos educacionais, existe uma escola na comunidade, a Escola Municipal Elias Salem, que oferta a Educação Infantil e Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º ano no horário matutino e 4º e 5º ano no turno vespertino). Até onde sabemos, na comunidade não existe nenhum projeto social que envolva os jovens em atividades.

3.5 Participantes do estudo

Para a pesquisa, foram convidadas duas jovens que moram na Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN. As jovens foram escolhidas seguindo os objetivos da pesquisa. O critério primeiro que utilizamos diz respeito a elas terem se evadido da escola. Além desse critério, validamos a aproximação das participantes, em termos de localização, com a

pesquisadora. A disponibilidade em contribuir de modo voluntário na pesquisa também se fez como critério para a participação no estudo. Visando preservar os aspectos éticos inerentes à pesquisa com seres humanos, não divulgaremos os nomes das participantes do estudo, as nominamos no texto como Jovem “I” e Jovem “II”. Vejamos algumas informações sobre elas:

A Jovem “I” não está estudando no momento (ano de 2022), mas pretende voltar à escola. Ela é casada, tem uma filha, porém relata que hoje ser mãe não é mais um obstáculo para não estudar, mas antes foi. Quando se evadiu da escola tinha 18 anos, no 1º ano do Ensino Médio que cursava em Mossoró – RN. Ela ressaltou que aos 25 anos, no início da pandemia causada pela COVID-19, pretendeu retornar. Conseguiu cursar o 1º ano do Ensino Médio, porém, como as aulas seguiram na perspectiva do ensino remoto, não conseguiu acompanhar. Nesse sentido, desistiu novamente de sua escolarização. O motivo principal foi o fato de não ter conseguido acompanhar as atividades remotas. Pontuou que pretende retornar aos estudos após o período da pandemia finalizar.

A Jovem “II” se encontra sem estudar no ano de 2022. É casada, não tem filhos, parou de estudar com 14 anos, no 9º ano do Ensino Fundamental. Ela relatou que por falta de interesse, em razão de problemas com transporte para chegar à escola não terminou os estudos. Também não teve apoio do seu primeiro esposo, como casou muito nova, esse fato se tornou um obstáculo. Ela registrou que hoje tem vontade de voltar a estudar e recuperar o que perdeu, percebe que foi um erro se evadir, mas na época não ligava, não tinha o entendimento da importância da educação. Reforçou que hoje, no seu segundo casamento, tem apoio do esposo e pretende voltar à escola.

Salientamos que ambas participantes vivem no ano de 2022 na Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN. Desde o momento que as contatamos foram disponíveis em somar com a pesquisa.

4 EVASÃO ESCOLAR – ANÁLISE A PARTIR DE JOVENS DA COMUNIDADE RECANTO DA ESPERANÇA, MOSSORÓ – RN

Esta seção apresenta a análise construída com base nos dados produzidos com as participantes do estudo. Ela está organizada em dois momentos: no primeiro dialogamos sobre os percursos escolares das duas jovens que somaram à pesquisa. No segundo momento, debatemos, de modo analítico, a respeito do tema central do estudo, a evasão escolar.

4.1 Percursos Escolares das Jovens

Conforme situamos em momento anterior, organizamos a produção dos dados com base em dois eixos temáticos. O primeiro eixo, dialogado neste instante, se reportou ao primeiro objetivo específico do estudo, a saber: conhecer a vivência de jovens acerca dos processos de escolarização e formação pessoal. Para alcançá-lo, em termos de investigação, projetamos quatro questões abertas para o momento das entrevistas semiestruturadas com as jovens que participaram da pesquisa. Em relação à questão inicial, nos direcionamos a como se deu a educação escolar das participantes do estudo e a idade e nível de ensino que vivenciaram antes de se evadirem. Elas depuseram:

No começo que era no Ensino Fundamental era fácil, mas quando vai para Mossoró, já começam as dificuldades, de transportes, das escolas, porque aqui no sítio não tem escola para o Ensino Médio. Estudei até os 18 anos, parei no 1º ano do Ensino Médio. Reprovei! Com 25 anos voltei a frequentar, passei no 1º ano, mas veio a pandemia e parei (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

[...] era bem mais fácil, mas com o tempo, e com o avanço dos anos, foi ficando mais complicado e ficando com dificuldades no aprendizado, também tinha a questão de ônibus que desanimava, porque às vezes não vinha, tinha greve, [...] eu não tinha condições de estar pagando carro para ir à escola, e com isso também tinha a falta de interesse. Frequentei a escola até meus 14 anos, parei de estudar no 9º ano do Ensino Fundamental⁴ [...] (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Os depoimentos das duas jovens em momentos se aproximam e em instantes se distanciam. Como estudantes residentes no campo, vimos que alguns problemas históricos existentes na educação no campo aparecem em seus registros. As jovens sinalizam que com o passar do tempo e a gradação do nível escolar vivido tornou-se mais difícil a escolarização. Acreditamos que isso ocorre por dois motivos: o primeiro diz respeito aos alunos seguirem de

⁴ Ao realizarmos as transcrições das entrevistas, fizemos pequenos ajustes de linguagem para preservar a norma culta da língua portuguesa.

um nível educacional ao outro sem terem conseguido desenvolver habilidades suficientes (e muitas vezes básicas) para chegarem qualificados no nível de ensino sequente. O segundo aspecto, para nós, corresponde à ausência de contextualização da prática pedagógica com alguns conteúdos curriculares. O ensino no campo se fez à luz do ensino urbano (ARROYO, 1999). Para Arroyo (1999) isso aconteceu porque na história construímos socialmente uma concepção simplista de educação para ser destinada aos povos do campo. Ele diz:

[...] a imagem que sempre temos na academia, na política, no governo, é que para a escolinha rural qualquer coisa serve. Para mexer com a enxada não precisa de muitas letras. Para sobreviver com uns trocados, para não levar manta na feira, não precisa de muitas letras. Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo, tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professorinha que quase não sabe ler, ensina a alguém a quase não saber ler (ARROYO, 1999, p. 16 – 17).

As jovens também registraram problemas com o transporte escolar, aspecto histórico denunciado no âmbito da educação no campo (CALDART, 2005). Outra característica apontada pelas participantes do estudo confere à ausência de escola no campo que oferte o Ensino Médio. Sabemos que os percursos escolares das jovens são singulares, porém, vemos que eles se aproximam justamente porque são desenhados em uma esfera social (o campo) que, ao longo do tempo, apresentou questões de desigualdade social as quais respingaram em suas vidas.

A segunda questão acerca do eixo temático em discussão se reportou à base familiar das jovens e o apoio recebido para que frequentassem a escola. Observemos suas falas:

Se constitui com três pessoas: eu, meu esposo e minha filha. Os professores incentivavam, para não deixar a escola, no Ensino Médio, pareciam nossos pais, no nosso pé, para não gazear aula, para não repetir de ano, isso ajudava muito (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

É formada por duas pessoas: eu e meu esposo. Recebia conselhos da minha mãe, para não desistir e eu não ligava. Hoje, sei a falta que faz terminar os estudos, e sei que ela só queria o meu bem, e que eu não passasse pelos mesmos arrependimentos que os dela (Jovem “II”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Nos registros das jovens não está evidente a base familiar que ajudou em suas formações. A Jovem “II” destaca a figura da mãe em sua formação e a Jovem “I” ressalta os professores no sentido de motivadores para que não desistisse da escolarização. De maneira geral, concebemos que a ausência de orientação familiar, somada a sua não inclusão a projetos educacionais ou atividades que despertassem o prazer pela educação formal podem ter adicionado para que elas se evadissem e seguissem para a relação conjugal muito cedo.

Por nossa experiência no campo, alertamos que muitas jovens vivenciam a gravidez precoce ou adentram também muito cedo no mundo do trabalho e em relacionamentos conjugais. Entendemos que a escola pode ajudar para que as estudantes do campo não sigam precocemente por esse caminho, mas é preciso alertar que a instituição de ensino não pode ser a única que contribuirá sozinha para que as jovens continuem exitosamente seu percurso na educação (MENDES; MEDEIROS, 2021). Há questões de desigualdade social que são alarmantes no campo (por exemplo a falta de trabalho digno para a sobrevivência de sua população). Isso respinga na estrutura familiar em muitos contextos. Sabemos que muitas mães educam seus filhos sozinhas no campo, com quase nenhum apoio. Isso reflete na identidade dos seus filhos, criando, a nosso ver, uma espécie de reprodução cultural, como se fosse algo natural (BOURDIEU; PASSERON, 1975).

A terceira questão a dialogarmos sobre o percurso escolar das jovens se reportou às dificuldades que encontraram na escolarização acerca da aprendizagem, bem como se receberam ajuda dos professores. Seus registros pontificam:

Sim, tinha dificuldades. Em algumas disciplinas, em história, inglês, porque não conseguia falar, só sabia fazer as atividades. [...] em português. Sim, os professores tinham interesse em ajudar, batiam em cima para os alunos aprenderem o conteúdo, explicavam duas ou três vezes, até o aluno aprender. Se explicassem de um jeito e os alunos não aprendessem, eles procuravam outra maneira de explicar (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Sim, tinha dificuldade em aprender os conteúdos. Na disciplina de português. [...] os professores insistiam, mudavam de forma de ensinar, mas era o meu desinteresse que não ajudava a ter um desenvolvimento (Jovem “II”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

As jovens relataram que apresentaram dificuldades, especialmente, na apreensão de conteúdos curriculares relativos a algumas disciplinas do currículo escolar, dentre elas mencionaram história, inglês e, principalmente, português (citada pelas duas jovens). Também reforçaram o apoio recebido dos professores. No entanto, a Jovem “II” atestou que apesar do apoio existia o seu desinteresse que não contribuía para que vivenciasse a escola. Perguntamos: por que isso acontece? Em primeiro lugar, reforçamos que a escola no campo vivenciou na história um currículo ou mesmo a prática educativa, no sentido amplo, deslocada da realidade e necessidades sociais dos sujeitos do campo. Com isso, se tornou não atrativa aos olhos de seus estudantes e também, muitas vezes, dos profissionais (ARROYO, 1999).

Caldart (2005) depreende que a escola no campo necessita estar articulada aos princípios da Educação do Campo. Ela os destaca:

Em resumo, podemos dizer que, no contexto originário da Educação do Campo, estão como principais elementos:

- o campo e a situação social objetiva das famílias trabalhadoras nesta época: o aumento da pobreza, a degradação da qualidade de vida, o aumento da desigualdade social, da exclusão;
- a barbárie provocada pela implantação violenta do modelo capitalista de agricultura;
- a situação em relação à educação: ausência de políticas públicas que garantam o direito à educação e à escola para os camponeses/trabalhadores do campo;
- a emergência de lutas e de sujeitos coletivos reagindo a esta situação social;
- as lutas camponesas, em especial e, entre elas, a luta pela terra e pela Reforma Agrária;
- o debate de uma outra concepção de campo e de projeto de desenvolvimento que sustente uma nova qualidade de vida para a população que vive e trabalha no campo;
- a presença significativa de experiências educativas que expressam a resistência cultural e pedagógica do povo do campo, frente às tentativas de sua destruição, vinculadas ou não a estas lutas sociais (CALDART, 2005, p. 20).

Para que a escola no campo se torne atrativa há necessidade de políticas educacionais específicas produzidas no interior das escolas. De igual modo, reforçamos a necessidade de participação dos sujeitos e dos movimentos sociais do campo (por meio de suas representações) na organização e planejamento curricular das instituições de ensino. Sabemos que esses aspectos não asseguram a qualidade do ensino na escola no campo, até porque pensamos que existem fatores de ordem social, como a desigualdade social histórica a que viveram os povos do campo, em virtude do sistema capitalista, que agudizam a exclusão e a má qualidade da educação, porém, acreditamos que contribuem para a melhoria da educação nos espaços rurais (CALDART, 2005).

A última questão pensada para o primeiro eixo temático se direcionou para o interesse (vontade) de estudar das participantes e para o apoio familiar que recebem para o retorno às escolas. Elas dizem:

Tenho sim, hoje minha filha já está grande e o pai já fica com ela. Se eu precisar da minha mãe, para ficar com ela, ela não se negaria. Mas não consigo pelo fato de estar sendo on-line, não consigo acompanhar (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Tenho sim, quero muito voltar, pretendo voltar esse ano [2022]. A vida sem estudos é escura, sem ter uma oportunidade de um trabalho melhor. Hoje, convivo com meu segundo esposo, as coisas estão mais fáceis e recebo apoio dele se eu quiser voltar e de outros familiares, como minha mãe (Jovem “II”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

As participantes do estudo reforçaram que têm o desejo de retornar aos estudos formais (a escola). No diálogo construído com elas percebemos esse aspecto. A Jovem “I” retornou aos estudos e concluiu a primeira série do Ensino Médio, desistindo novamente em razão do ensino remoto, modalidade de ensino emergencial vivida na pandemia causada pela

COVID-19. No que toca ao apoio familiar, identificamos que ambas recebem de seus esposos e demais familiares (elas demarcaram a mãe como referência).

No entanto, apesar de destacarem o interesse pela escolarização sabemos, com base em Freitas (2020), que há desafios. A própria condição de estarem há muito tempo fora da escola limita as jovens (FREITAS, 2020). Também alertamos que em consequência da escola no campo não se constituir, inteiramente, associada à educação do campo (e seus princípios), isso pode acarretar em desmotivação às jovens. Outro fator que percebemos importante registrar é que acreditamos que uma delas cursará (Jovem “II”) a modalidade de educação de jovens e adultos necessitando ser atrativa para que possa despertar o prazer pela educação formal.

Em linhas finais, registramos que os percursos escolares das jovens se fizeram não distante da realidade de muitos jovens no Brasil que vivem no campo. O casamento e maternidade precoce, a ausência de políticas ou projetos educacionais inclusivos à escolarização das jovens, pouco apoio familiar, entre outros fatores, emergiu em suas vidas, minando suas condições de permanência na educação formal e contribuindo para sua evasão escolar.

4.2 Evasão Escolar

Para o segundo eixo temático nominado de “evasão escolar” organizamos o conjunto de quatro questões abertas as quais foram dialogadas com as participantes do estudo. Novamente, frisamos que as questões do presente eixo intentam se aproximar do segundo objetivo específico do estudo, qual seja: identificar os fatores que contribuem para que os jovens se evadam da educação escolar. Apesar de na subseção anterior termos apresentado considerações que caminham para esse objetivo, as questões dialogadas a partir de então se centralizam para ele. A primeira questão se encaminhou para os principais fatores que contribuíram para que as jovens deixassem a escola.

No Ensino Médio em Mossoró, eu deixei porque me aconteceram dois assaltos. Como não tinha amizade com ninguém ia sozinha para a escola, porque logo quando casei, fui morar em Mossoró e fiquei com medo. Logo após veio minha gravidez e não tive como continuar, mas hoje eu estou morando no assentamento de novo, voltei a estudar de novo, mas parei por conta da pandemia (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Eu me casei muito nova, meu primeiro esposo não me ajudava, não me apoiava, e onde fui morar quando casei a dificuldade de ônibus era ainda pior. Sem nenhuma

força, um incentivo, acabei desistindo (Jovem “II”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Dentre os principais fatores apontados pelas participantes do estudo aparecem a violência, o casamento, a gravidez, a dificuldade de transporte escolar e a ausência de apoio dos familiares. Vemos que esses fatores se somam à condição de assumir precocemente a vida adulta. As duas jovens registraram o ingresso precoce na vida adulta, assumindo-se mãe ou esposa. Para Mendes (2013, p. 263),

[...] identificar as causas de evasão escolar é extremamente difícil, pois este fenômeno é influenciado por vários fatores, sejam eles relacionados aos estudantes ou às suas famílias, escolas e comunidades. Entendo a evasão escolar como um processo, e não apenas como um momento pontual na vida do estudante, considerando este fenômeno como o estágio final de um dinâmico e cumulativo processo de desengajamento da escola.

Nos termos de Mendes (2013), não há um único fator que contribui para que o jovem deixe a escola. Também concordamos com a posição assumida pelo autor. Entendemos que a evasão escolar é fruto de um processo que se faz a partir de diferentes fatores que conduzem o estudante a se evadir dos espaços escolares. Podemos também considerar que os fatores podem ser de ordem social, pessoal (psíquica, por exemplo) e educacional (desde a própria escola). Com as participantes do estudo, compreendemos que tanto a dimensão escolar (ausência de relação da escola com a família) como a dimensão social (não orientação familiar) pesaram para que elas abandonassem seus processos educativos formais.

A segunda questão que compõe este eixo temático sinalizou para possíveis problemas/situações vivenciadas na escola que contribuíram para a evasão escolar das jovens da pesquisa. Elas notificaram:

Não, foi bem tranquilo, os problemas foram pessoais mesmo (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Não, o problema era em relação a mim, ao meu desinteresse, e algumas dificuldades (Jovem “II”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

As duas jovens imprimiram que não entendem que a escola tenha contribuído para que elas se evadissem. No entanto, apesar da posição definida acreditamos, com base em Mendes (2013) e Santos (2020), que de maneira gradativa e implícita a instituição escolar favorece, em ocasiões, à evasão. Um exemplo desse aspecto condiz com a não contextualização da proposta pedagógica e curricular com a realidade de vida sociocultural de seus estudantes. Isso acontece no planejamento escolar, no dia a dia da sala de aula (especialmente quando o

professor tem turmas numerosas ou possui mais de um vínculo empregatício, não conseguindo acompanhar os processos de aprendizagem de seus alunos), na não interação com a comunidade e os pais, entre outros fatores.

Ditas as considerações anteriores, salientamos que adicionadas as condições de vida de cada sujeito, principalmente as condições de desigualdade social, pouco a pouco eles caminham para deixarem as escolas. A vida fora dos espaços escolares, muitas vezes, se torna mais atrativa, com mais motivação nos seus dias. Os relacionamentos afetivos (como a primeira relação afetiva – muitas jovens casam após vivenciarem no máximo duas ou três relações), depois o casamento, os filhos, entre outros, culminam para a evasão.

Na terceira questão perguntamos às jovens se ao deixarem de frequentar a escola, houve incentivo por parte da instituição para que retornassem à educação escolar. Em caso afirmativo, pedimos que elas exemplificassem de que forma. Após seus registros, indagamos se há algum projeto educacional na comunidade em que vivem para os jovens que estão fora da escola.

Quando comecei na Maísa [...], teve alguns professores que me deram apoio, conversaram comigo para eu permanecer, mas sentia um pouco cansativo, por minha filha estudar também e ter que estar presente nas aulas dela [no momento da pandemia]. Quando chegava à noite, eu estava muito cansada e não conseguia assistir aula, fui desistindo. Não há nenhum projeto na comunidade, sinto falta, pois existem muitos jovens seguindo caminhos errados, talvez isso ajudasse, a estarem mais entretidos e não se meterem em coisas erradas (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Não. Nenhum incentivo por parte da escola. Não há projetos na comunidade (Jovem “II”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

A primeira participante (Jovem “I”) destaca que ao retornar à escola no período da pandemia recebeu apoio dos professores, mas não da escola. Igualmente aconteceu com a Jovem “II”. Esse aspecto vai ao encontro do que dialogamos na questão anterior. A escola não contribui muito para que as jovens permaneçam na instituição. Sabemos que seu apoio seria essencial para, de alguma maneira, evitar a evasão. Quando questionadas sobre a existência de projetos educativos que somam para os jovens da comunidade que estão fora da escola, seus registros foram enfáticos. Não há, na perspectiva das jovens, nenhuma ação educativa (projeto educativo) que colabore aos jovens da Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, no sentido da educação e também do retorno à escola.

Com os diálogos com as participantes do estudo, entendemos que escola da comunidade não se aproxima da escola do campo. Na perspectiva de Caldart (2005, p. 28), a escola do campo,

[...] precisa ajudar a enraizar as pessoas em sua cultura: que pode ser transformada, recriada a partir da interação com outras culturas, mas que precisa ser conservada; porque nem é possível fazer formação humana sem trabalhar com raízes e vínculos; porque sem identificar raízes não há como ter projetos. Isto quer dizer que a escola precisa trabalhar com a memória do grupo e com suas raízes culturais; e isto quer dizer também que se deve ter uma intencionalidade específica na resistência à imposição de padrões culturais alienígenas e no combate à dominação cultural.

A partir de Caldart (2005) questionamos: como desenvolver uma escola do campo sem atentar para a cultura e para participação da comunidade na instituição? Como pensar em uma proposta de ensino-aprendizagem na escola do campo desconsiderando às demandas sociais e educacionais do entorno escolar? Sabemos que a escola sozinha não consegue resolver o problema da evasão escolar. Temos ciência de que ele se faz a partir de vários fatores, tal como vimos em outro momento do texto. No entanto, acreditamos que a escola tem a missão de estender sua proposta educativa para além de seus muros, o que contribuiria, a nosso ver, para a construção de ações educativas aos jovens da comunidade.

Por último, indagamos se nas famílias das participantes do estudo, vivenciaram alguma situação que contribuiu para a evasão escolar. As jovens relataram:

Não. Meus pais sempre foram separados, mas não tive nenhum problema nisso para afetar meus estudos (Jovem “I”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Não tive nenhum problema quanto a isso, com uma certa idade, meus pais se separaram, e fiquei com minha mãe, e meu padrasto, mas isso não foi o motivo dessa minha evasão (Jovem “II”, Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN, 2022).

Nos registros das participantes da pesquisa, demarca-se que não houve contribuição da família para a evasão da escola. No entanto, percebemos algo a mais em comum em seus discursos: ambas passaram pelo processo de separação de seus pais. Entendemos que isso, de algum modo, pode ter pesado em algum instante de sua escolarização. Concebemos que, muitas vezes, após a separação o peso da educação recai para um membro familiar (na maioria das vezes recai para a mãe). Dependendo da condição da mãe ou do pai (condição psíquica, nível de instrução escolar ou consciência social, entre outros), há fatores que pesam na escolarização. Reforçamos a partir de Mendes (2013) que a evasão escolar é um processo. Ela não se faz distante da vida social e pessoal do estudante. Ela acontece interligada a sua historicidade.

Em linhas conclusivas, desejamos que a presente pesquisa contribua, de alguma maneira, para os estudos acerca da educação do campo e da evasão escolar. Nosso esforço na

investigação tencionou agregar novos conhecimentos sobre a temática. Também salientamos a contribuição da pesquisa para o contexto investigado, bem como da professora em formação, pois ampliou seu olhar acerca da realidade educacional e do que a constitui.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como tema central a evasão escolar de jovens da comunidade Recanto da Esperança, zona rural de Mossoró – RN. Nesse sentido, pontuou como objetivo geral “analisar o que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN”. Assim, considerando esse aspecto, realizamos uma pesquisa qualitativa com duas jovens do referido espaço territorial. Para a produção dos dados, utilizamos de entrevistas semiestruturadas a partir de dois eixos temáticos, quais sejam: a) percurso escolar das jovens e b) evasão escolar. Os dois eixos temáticos buscaram se aproximar dos objetivos específicos projetos para a investigação. Na sequência, apresentamos, brevemente, algumas considerações conclusivas apreendidas no estudo.

Em primeiro lugar, enfatizamos que as jovens vivenciaram seus percursos escolares no campo, em uma escola circunscrita no perímetro rural. Pelo que percebemos a escola se aproximava da escola rural e não da escola do campo. Em parâmetros de escolarização, vimos que elas se evadiram ao término (ou próximo dele) do Ensino Fundamental. Ao chegarem no Ensino Médio e por terem que migrar para o espaço urbano (para continuarem seus estudos) vivenciaram dificuldades, sendo demarcadas as principais: violência no espaço em que residiam, acesso (deslocamento) à escola e ausência de acompanhamento/orientação familiar para com os estudos. Além disso, vimos também que o ingresso precoce na vida adulta, por meio da relação conjugal, também se fez no mesmo momento.

Pelo que identificamos, as jovens demarcam um percurso de vida muito parecido, com exceção da maternidade (apenas uma delas foi mãe). Sabemos da singularidade de cada sujeito e na construção identitária que cada um promove, porém, entendemos que as situações descritas pelas jovens podem ser tomadas como referências para outros estudantes se evadirem da escola, especialmente no contexto campesino. Compreendemos ainda que a falta de escola com ensino médio na comunidade é um problema que soma para a evasão escolar.

No que toca à evasão escolar, a partir da pesquisa, pensamos que ela se faz como um processo, não existindo um fator único que contribua para a sua construção. Há questões educacionais (como a escola e a educação que promove), sociais (a realidade social e de desigualdade a que parte da população brasileira vive), pessoais (estrutura familiar), entre outros que se adicionam à evasão.

Na pesquisa, pudemos apreender, com base nos registros das jovens, que a evasão escolar faz de um todo social. Elas demarcaram o casamento, a distância da escola, a

violência em seu entorno social, ser mãe, entre outros, como fatores que podem contribuir para os estudantes se evadam.

Em conclusão, deixamos o alerta para que novas pesquisas possam ser desenvolvidas e somem à presente construção investigativa. Assim, almejamos...

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, M. G.; FERNANDES; B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. (Coleção Por uma Educação do Campo), V. 02. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999, p. 15 - 27.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. [Trad. Reynaldo Bairão]. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1975.
- BRANCO, E. P. et al. Evasão Escolar: desafios para permanência dos estudantes na educação básica. **Revista Contemporânea de Educação**, [S.L.], v. 15, n. 34, p. 133-155, 29 dez. 2020.
- CALDART, R. S. Elementos para a Construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. In: PARÁNA. **Cadernos Temáticos Educação do Campo**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2005, p. 23 – 34.
- CERATTI, M. R. N. **Evasão Escolar**: causas e consequências. A Relação Aluno- Professor-Escola- Família na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná: Um Estudo na Perspectiva da Educação de Jovens e Adultos. Paraná, p. 1-31. dez. 2008.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 8. ed. São Paulo – SP: Cortez, 2006.
- FABRIS, F.; BERNARDI, L. T. M. S. A função social da escola do campo e os princípios filosóficos da educação para o MST: um olhar sobre a Escola José Maria. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 3, n. 3, p. 784 809, set/dez. 2018.
- FARIAS, I. M. S. et al. Trilhas do labirinto na pesquisa educacional qualitativa: dos procedimentos de coleta de dados ao trabalho de campo. In: FARIAS, I. M. S.; NÓBREGA-THERRIEN, S. M.; NUNES, J. B. C. (Org.). **Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto**. Fortaleza - CE: EdUECE, 2010, v. 1, p. 67 – 92.
- FREITAS, T. L. X. **Educação de Jovens e Adultos no MST**: a experiência de escolarização no Assentamento Eldorado dos Carajás II, Mossoró – RN. Monografia. 50f. (Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo). Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2020.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro - RJ: GEN, 2013.
- MEDEIROS, E. A. **Formação Interdisciplinar de Professores**: estudo pedagógico-curricular sobre a licenciatura em educação do campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Tese. 661f. (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.
- MEDEIROS, E. A.; DIAS, A. M. I. O Estado da Arte sobre a Pesquisa em Educação do Campo na Região Nordeste (1998 – 2015). **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 22, n. 03, p. 115 – 132, set./dez. 2015.

MEDEIROS, E. A.; MENEZES, M. A. G. Educação do Campo: estudo sobre a base nacional comum curricular a partir de percepções de professores/as da área de ciências humanas. **Revistas Cocar**, Belém, v. 14 n. 28, 2020.

MEDEIROS, E. A.; VARELA, S. B. L.; NUNES, J. B. C. Abordagem Qualitativa: estudo na Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (2004 – 2014). **Holos**, v. 2, p. 174-189, ago. 2017.

MENDES, M. S. Da inclusão à evasão escolar: o papel da motivação no ensino médio. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 261-265, abr./jun. 2013.

MENDES, J. E.; MEDEIROS, E. A. de. La escuela en el neoliberalismo y su lucha política para (re)existir y resignificarse. **PARADIGMA**, [S. l.], v. 42, n. 3, p. 01-19, 2021.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. Escola do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 330-345.

OLIVEIRA, L. M. T.; CAMPOS, M. Educação Básica do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 14-32.

PIANA, M. C. A Pesquisa de Campo. In: PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 14 – 33.

SANTOS, J. A. Reflexões sobre evasão escolar: uma problemática na educação brasileira. **Teias**, v. X, n. Y, seção especial, 2020.

SANTOS, J. R. Da Educação Rural à Educação do Campo: um enfoque sobre as classes multisseriadas. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. **Anais...** São Cristóvão Se/Brasil, p. 1-11. set. 2010.

SILVA, P. R. S. Fundamentos Político-Pedagógicos para a Educação do Campo I: a escola do campo. In: ZIENTARSKI, C.; PEREIRA, K. R. C.; FREIRE, P. A. R. (Org.). **Escola da Terra Ceará**: conhecimentos formativos para a práxis docente do/no campo. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016, p. 99 – 126.

SOUSA, V. C.; COSTA, E. F. L. B.; REIS, R. L. S. IDENTIDADE DA ESCOLA DO CAMPO: concepção marxista. **Educação Cultura & Comunicação**, v. 1, n. 13, p. 60-83, jan. 2021.

**APÊNDICE “A” – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)**

Sou ALCIVANIA NUNES DA SILVA, aluna da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. No momento, realizo a pesquisa monográfica intitulada “EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS DA COMUNIDADE RECANTO DA ESPERANÇA, ZONA RURAL DE MOSSORÓ – RN”, sob a orientação do Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros. A pesquisa tem como objetivo geral “analisar o que contribui para a evasão escolar de jovens da Comunidade Recanto da Esperança, Mossoró – RN”. No que se refere aos objetivos específicos, demarcaram-se: “conhecer a vivência de jovens acerca dos processos de escolarização e formação pessoal” e “identificar os fatores que contribuem para que os jovens se evadam da educação escolar”.

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a), por meio deste documento, como voluntário(a) a participar da pesquisa. Pontuo que, em caso de aceitar o convite, a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo.

Esclareço que o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer recurso financeiro. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade. O(a) senhor(a) não ficará exposto(a) a nenhum risco. Somente após devidamente esclarecido(a) e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento. O(a) senhor(a) receberá uma via deste documento

Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Av. Francisco Mota, n. 572, Bairro Costa e Silva, Mossoró – RN, ou pelo e-mail: emerson.medeiros@ufersa.edu.br.

Mossoró, ____, de _____, de 2022

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE “B” – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS DA COMUNIDADE RECANTO DA ESPERANÇA, ZONA RURAL DE MOSSORÓ – RN

Eixo Temático 1 – Percorso Escolar das Jovens	
Objetivo Específico: - Conhecer a vivência de jovens acerca dos processos de escolarização e formação pessoal.	1 – Como se deu sua educação escolar? Frequentou a escola até que idade e nível de ensino?
	2 – Como se constitui sua família? Recebeu apoio no seu processo de escolarização para frequentar a escola? Fale sobre esses aspectos.
	3 – Durante sua escolarização, teve dificuldades para aprender? Se sim, quais (em alguma disciplina em especial, por exemplo)? Os professores tinham interesse em ajudar no seu desenvolvimento? Se sim, de que forma?
	4 – Tem vontade de voltar a estudar? Se não, por quê? Se sim, tem apoio de seus familiares para que isso aconteça?
Eixo Temático 2 – Evasão Escolar	
Objetivo Específico: - Identificar os fatores que contribuem para que os jovens se evadam da educação escolar	1 – Quais os principais fatores que contribuíram para que você deixasse a escola?
	2 – Houve problemas/situações vivenciadas na escola que contribuíram para sua evasão?
	3 – Ao deixar de frequentar a escola, houve incentivo por parte da escola para que retornasse à educação escolar? Se sim, de que forma? Há algum projeto educacional na comunidade em que vive para os jovens que estão fora da escola?
	4 – Na sua família, vivenciou alguma situação que contribuiu para sua evasão escolar?